



SUMÁRIO

Editorial

Fátima nos espera!

P.1

Caminho Formativo

O Programa formativo 2024-2025 da ADMA

P.2

Nazaré. Uma família toda de Deus

10. Maria, Mãe e Mestreira.

P.4

Humilde e a mais alta criatura

A caminho com Maria, mestra de ecologia integral

11. Mãe do mundo novo.

P.7

Pela graça recebida

“Fazei tudo o que ele vos disser”.

P.9

Crônica de Família

- Ruanda: As promessas da ADMA e dos Salesianos Cooperadores.

P.10

- Peru: Encontro dos membros da ADMA. P.11

- Eslovênia: Encontro anual para os membros da ADMA. P.11

- Nova coluna: *A Adma Primária responde*. P.11

- Missa em sufrágio pelos membros falecidos da ADMA. P.12

Intenções de oração mensal

Julho-agosto.

P.12

EDITORIAL

FÁTIMA NOS ESPERA!

Queridos amigos e queridas amigas,

uma saudação fraterna a todos e a todas vocês na conclusão deste ano pastoral e do caminho formativo rumo ao já iminente Congresso Internacional de Maria Auxiliadora 2024, em Fátima.

Precisamente em Fátima nos encontraremos refletindo sobre o Sonho, sobre as origens da missão de Dom Bosco, que é hoje a nossa missão como Família Salesiana, e sobre a mediação de Maria, mãe e mestra, que nos precede e nos acompanha rumo a Jesus e em direção aos jovens.

Preparamos este ano refletindo sobre temas importantes: Vocação e Missão Oratoriana, Chamado ao impossível, Mistério do Nome, Força da doçura e da bondade (amorevolezza) que distinguem o estilo salesiano.

E precisamente nestes dias em que escrevemos este editorial a Palavra de Deus convida-nos a voltar ao tema da missão com uma imagem forte e significativa como a do “Semeador”. Uma imagem que nos ajuda a reinterpretar a nossa vida, o nosso serviço, as atividades em que estamos envolvidos, devolvendo tudo nas mãos do Pai:



“Assim é o reino de Deus: como um homem que lança a semente à terra; durma ou acorde, noite ou dia, a semente germina e cresce. Como ele próprio não o compreende. O solo produz espontaneamente primeiro o caule, depois a espiga e depois o grão inteiro na espiga; e quando o fruto está maduro, imediatamente ele manda a foice, porque a colheita chegou” (Mc 4,26-34).

Deus certamente serve-se de nós, torna-nos partícipes de seu projeto de amor para com o homem. Ele nos chama pelo nome e no nome nos confia uma missão, como aconteceu com Joãozinho no sonho: “ninguém se dá um nome, mas o recebe, não sou eu quem escolhe o meu nome. No nome está escrita a vocação e nela está inserido o método (não com surras, mas com mansidão e caridade), a missão/objetivo (ganhar esses seus amigos), o conteúdo (instrução sobre o pecado e a virtude)”.

Mas Deus não nos deixa sozinhos! Seja qual for a missão, ele apenas nos pede para “sermos” sementes e espalharmos sementes do seu amor, certos de que será Ele que fará germinar e crescer o Seu Reino. É lindo confiar em Deus Pai, é libertador sentir-se

colaboradores e não protagonistas absolutos, é reconfortante saber que o solo produz seus frutos espontaneamente. Também como ADMA podemos interpretar o ano pastoral passado e planejar o novo ano à luz desta Palavra. O nosso compromisso com os mais fracos e com os jovens não foi e nunca será em vão, o nosso compromisso educativo e formativo não foi e nunca será perdido, o nosso desejo de fazer conhecer Maria não será frustrado, se nos reconhecemos como simples agricultores e deixarmos humildemente todas as nossas ações à vontade do Pai, se aceitarmos a missão que nos é dada junto com o terreno no qual trabalhar, se não tentarmos avaliar precipitadamente a colheita e soubermos esperar os momentos certos de tudo amadurecer, especialmente o amadurecimento do coração de cada jovem que encontramos: hoje uma pequena semente que amanhã germina e cresce.

Desejamos a todos um verão tranquilo.

Pe. Gabriel Cruz Trejo, SDB
Animador Espiritual ADMA Valdocco.

Renato Valera,
Presidente ADMA Valdocco.

CAMINHO FORMATIVO

O Programa formativo 2024-2025 da ADMA: UMA GRANDE SINFONIA DE ORAÇÃO NO JUBILEU DA IGREJA

O programa formativo da ADMA para o ano 2024-2025 coloca-nos no caminho do Jubileu de 2025 que, como escreve o Papa Francisco: *“representou sempre na vida da Igreja um acontecimento de grande relevância espiritual, eclesial e social. Desde que Bonifácio VIII, em 1300, instituiu o primeiro Ano Santo – com recorrência centenária, passando depois, segundo o modelo bíblico, a quinquentenária e por fim fixada de vinte e cinco em vinte e cinco anos –, a Igreja viveu esta celebração como um dom especial de graça, caracterizado pelo perdão dos pecados e, em particular, pela indulgência, expressão plena da misericórdia de Deus”.*

O Papa Francisco diz-nos que o título do Jubileu **“Peregrinos da Esperança”** coloca no centro do ano jubilar, o, il **“manter acesa a chama da esperança que nos foi dada e fazer todo o possível para que cada um recupere a força e a certeza de olhar para o futuro com espírito aberto, coração confiante e mente**

clarividente. O próximo Jubileu poderá favorecer muito a recomposição de um clima de esperança e confiança, como sinal de um renovado renascimento do qual todos sentimos a urgência”.

O Papa convida-nos a **cultivar esta Esperança** olhando para as tragédias do mundo atual *“capazes de recuperar o sentido da fraternidade universal”* e de não fechar os olhos face à pobreza galopante que impede milhões de homens, mulheres, jovens e crianças - especialmente os muitos refugiados forçados a abandonar as suas terras - de viver de uma forma digna de seres humanos. *“Que as vozes dos pobres sejam escutadas neste tempo de preparação para o Jubileu que, segundo o mandamento bíblico, restitui a cada um o acesso aos frutos da terra”.* Também nós somos chamados a percorrer este caminho espiritual de conversão *“sentindo-nos todos*

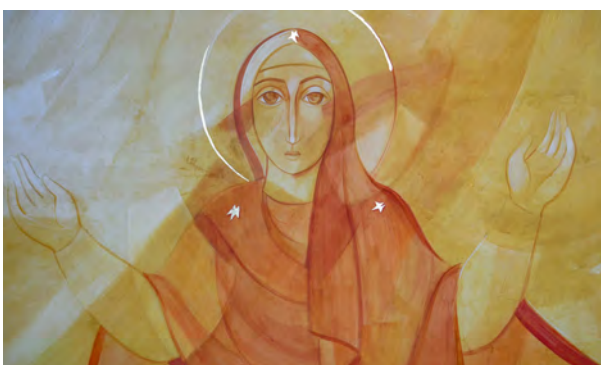
peregrinos na terra onde o Senhor nos colocou” para preservar a beleza. Também somos convidados a ser “cada vez mais sinal e instrumento de unidade na harmonia da diversidade” participando na vida e na construção da Igreja e valorizando todos os carismas e ministérios que o Espírito Santo não deixa de conceder.

Conscientes de que só as nossas forças não bastam para viver tudo isto, o caminho formativo do ano seguirá o convite do Papa a dedicar o tempo de preparação ao Jubileu “a uma grande “sinfonia” de oração. *Oração, em primeiro lugar, para recuperar o desejo de estar na presença do Senhor, escutá-Lo e adorá-Lo” “Oração, depois, para agradecer a Deus tantos dons do seu amor por nós e louvar a sua obra na criação, que a todos compromete no respeito e numa ação concreta e responsável em prol da sua salvaguarda. Oração, ainda, como voz de “um só coração e uma só alma” (cf. At 4, 32), que se traduz na solidariedade e partilha do pão cotidiano”. “Oração, além disso, que permita a cada homem e mulher deste mundo dirigir-se ao único Deus, para lhe expressar tudo o que traz no segredo do coração. E oração como via mestra para a santidade, que leva a viver a contemplação inclusive no meio da ação”. Em suma, um ano intenso de oração em que os corações se abram para receber a abundância da graça, fazendo do ‘Pai Nosso’, a oração que Jesus nos ensinou, o programa de vida de cada um de seus discípulos”.*

Por isso, em continuidade aos exercícios espirituais de verão, empenhar-nos-emos no aprofundamento da oração, a partir da escuta da Palavra, para que ela se torne uma ajuda concreta na vida cotidiana, em casal, no trabalho, na família.

O caminho será dividido em três passos, cada um dividido em três etapas:

Primeiro passo: Escuta e oração da Palavra: colocamo-nos à escuta da Palavra, com instrumentos simples e concretos, para orar



a Palavra e com a Palavra, para aprender e reaprender como torná-la viva em nossas vidas. Procuraremos colocar o coração na escuta de Jesus, que insiste no desejo de se tornar Um conosco. Caminharemos juntos na escuta da Palavra para fazê-la tornar-se alimento e guia no caminho, deixando espaço para isso no silêncio, silenciando os nossos pensamentos para ouvir os de Jesus. Aprenderemos a viver momentos prolongados de oração, através da Lectio Divina e da partilha comunitária de testemunhos.

Segundo passo: Discernimento: introduzidos a uma maior escuta da Palavra, faremos alguns passos para crescer no discernimento dos espíritos, através da experiência Inaciana, tão cara a Dom Bosco e a São Francisco de Sales. Cresceremos na compreensão de como podemos encontrar, precisamente na oração, um momento privilegiado e um instrumento concreto para o discernimento cotidiano, nas pequenas e grandes escolhas. Assim aprenderemos a interceptar e afugentar prontamente as tentações e acolher as inspirações do Espírito Santo.

Terceiro passo: Viver na Presença de Deus: finalmente procuraremos aprender um pouco mais a viver o que para Dom Bosco era a contemplação em ação: como a oração é autêntica se ela se transforma em vida e transforma a nossa vida. Pensando no sonho dos 9 anos talvez tenhamos chegado ao momento de “...começar imediatamente a ensinar a feiúra do pecado e a beleza das virtudes”. Procuraremos compreender como é importante continuar a oração na vida, tornando a vida uma oração - louvor a Deus. Fugindo do pecado e cultivando as virtudes em uma atitude alegre: entregar, confiar, sorrir e agir.

Faremos este caminho cultivando, segundo as orientações do Papa Francisco, um olhar de Esperança, em particular para com os mais pobres. Não deixaremos de contemplar a beleza da criação e de cuidar da nossa casa comum. Procuraremos os melhores caminhos para ser cada vez mais e melhor sinal e instrumento de unidade na harmonia da diversidade nas situações que a vida de cada dia nos apresenta.

Peçamos a Maria para acompanhar a Igreja, a Família Salesiana e a Associação no caminho de preparação ao grande evento de graça do Jubileu.

NAZARÉ. UMA FAMÍLIA TODA DE DEUS

10. MARIA, MÃE E MESTRA

Continuamos a refletir sobre a educação familiar na escola de Nazaré. Nessa joia litúrgica que é a Missa dedicada a Santa Maria de Nazaré, a Igreja volta sempre a refletir sobre o fato de que Maria (e com Ela a Igreja!) se tornou *nossa Mãe e Mestreira porque primeiro foi Mãe e Mestreira de Jesus*, e antes disso, porque foi primeiro criada por Jesus e depois educada para ser uma perfeita discípula. No belo prefácio desta Missa diz-se assim: “na convivência diária com o Filho, na casa de Nazaré, berço da Igreja, Maria oferece-nos um precioso ensinamento de vida. Mãe e discípula do Cristo Senhor, ela preserva e medita no coração, as primícias do Evangelho”.

A familiaridade adquirida com Jesus no desempenho da sua missão de Mãe levou Maria a se tornar discípula do seu Filho, e é em virtude do seu discipulado que agora ela é nossa [Mãe amorosa e com autoridade de Mestreira](#). Isto aconteceu – o que não deve ser subestimado - “unida a José, homem justo, por um vínculo de amor sponsal e virginal”, o mesmo amor que circula na Igreja e que torna sobrenatural todo vínculo natural, o qual, se abandonado a si mesmo, não resiste à prova da fragilidade, do pecado e da morte. E isto pelo simples fato de que um filho precisou de um pai e de uma mãe, tanto na ordem natural como na sobrenatural. Nenhuma alquimia psicossociológica e nenhuma pressão sócio-política deveria nos convencer do contrário.

Para compreender o “precioso ensinamento de vida” que se irradia da casa de Nazaré para o sucesso da educação familiar, procuremos comparar, com a ajuda, também, das reflexões de Recalcati em seu belo livro *O Segredo do Filho*, as quatro figuras paradigmáticas da relação entre pais e filhos que a cultura e a Escritura nos dão: Laio e Édipo, o Pai misericordioso e o filho pródigo, Abraão e Isaque, Maria - José e Jesus.

Pertença e liberdade

É interessante observar que Jesus, quem desde menino se mostrava *extremamente livre*, era, no entanto, *filialmente submisso* a Maria e José, que por sua vez se tornaram cada vez mais conscientes do mistério do qual seu filho era portador. Não ocorreu a Jesus ser livre sem vínculos, nem obedecer de maneira servil: a sua identidade como filho de Deus e

filho do homem era perfeitamente harmoniosa. Jesus é o ideal concreto de cada filho, aquele que inaugura a possibilidade de ser grato pelo vínculo com os próprios pais, mas também capaz de reconhecer em Deus, uma origem e um destino maior.

Na história de Jesus, pais e filhos não se negam nem se matam: as tensões existem, claro, mas não conduzem a conflitos e rupturas. Já adulto, Jesus terá a missão, vivida em perfeita e amorosa concordância com o Pai e também com o consentimento da Mãe, de dar a sua vida para redimir a nossa vida, e de oferecer a sua morte para libertar da morte cada homem. Porém, na sua história, ao contrário da história grega e também da freudiana - em suma, ao contrário da tragédia familiar que marca a experiência do homem e é uma característica fundamental da cultura ocidental - [não há sombra de infanticídios ou parricídios reais ou simbólicos, nem há vestígio de pertencas autoritárias ou incestuosas](#). Na história de Jesus, a lei e a liberdade, os laços familiares e o destino pessoal encontram um feliz acordo humano e divino: nada de desumano, nada de fanático.

Em Nazaré ele consegue plenamente a questão educativa que cada família deve ter, que é *viver um vínculo libertador* para com os filhos, oferecer um afeto intenso mas respeitoso pelo próprio mistério e pelo mistério dos filhos, alcançar um equilíbrio feliz entre o velho e o novo, entre tradição e inovação. Em Nazaré acontece, inclusive, a presença definitiva de Deus no ciclo das gerações humanas. No espelho de Nazaré, é verdade para todos que a *relação entre pais e filhos é partilha do incompartilhável, continuidade da vida comum e reconhecimento da originalidade de cada um*. A experiência da filiação nunca é de apropriação e posse, mas sempre, de alguma forma, de deslocamento e descentralização, e Maria e José começaram a compreender isto desde o início e viveram-no plenamente de forma exemplar. E Jesus, melhor que qualquer outro filho, foi verdadeiramente filho, isto é, soube [herdar](#), fazer seu, de maneira original, o que lhe foi dado como herança, tornando-se Ele mesmo, o fundamento da nova e eterna Aliança. Porque a tarefa de um filho – diz muito bem Recalcati – “não é repetir, mas assumir individualmente, subjetivar, o que lhe foi transmitido por aqueles que o precederam”.

O filho perdido

Entre Laio e Édipo domina o medo: Laio teme o filho, Édipo odeia o pai. Um destino de morte pesa sobre ambos: o pai tenta matar o filho, o filho mata o pai. Aplica-se a lei do destino, não há nem liberdade nem graça: “Édipo permanece fixado na posição de quem, rejeitando a dívida simbólica que o liga ao outro, reivindica constantemente apenas o seu crédito para com o outro. Além disso, o pai de Édipo é incapaz, por sua vez, de transmitir qualquer herança ao filho que não seja o seu próprio voto de morte”. A história dos [pais autoritários, incapazes de gerar, e dos filhos ingratos e rebeldes, incapazes de herdar](#), é uma história que tende a se repetir, apesar das melhores intenções, da autenticidade dos desejos e do amor sincero, principalmente por amor “demais”.

E por favor não diga, como ouvimos dizer muitas vezes, que o amor nunca é demais: aqui por “demais” entende-se amor excessivo, não equilibrado, não maturo.

O amor nunca é demais quando é amor verdadeiro, mas isso ainda está para ser visto. Sim, porque geralmente os pais amam sinceramente os seus filhos, e o carinho que os filhos sentem por seus pais é grande. Mas a questão é que não basta amar! O sentimento de amor não protege contra a inexperiência, a imaturidade, o egoísmo. Criar as condições para que os filhos sejam e se sintam verdadeiramente livres não é naturalmente conseguido e, nem, naturalmente alcançado que eles sejam gratos por terem sido gerados e desejosos de se tornarem eles próprios geradores.

Édipo é o filho perdido, como perdido é todo filho que não compreende a dívida de gratidão para com aqueles que o geraram, e entende mal o sentido da lei e da autoridade como despótico e opressor de sua liberdade. É o filho que almeja a autoafirmação sem o reconhecimento do outro: o seu desejo não conhece limites, porque não reconhece nenhuma dívida. “Eu não pedi para vir ao mundo” é o motivo de chantagem que legitima as reivindicações de muitos adolescentes. Contudo, é preciso dizer que um filho assim é frequentemente fruto de pais que, lhe dão de tudo e lhe dão todo cuidado, e não lhe dão testemunho do que é verdadeiro e bom, este filho torna-se necessariamente, e sem culpa, presunçoso e pretensioso, egoísta e tirano: é o filho – diz Recalcati – que “tem a sensação de ter um crédito perene, rejeitando toda forma de reconhecimento do que recebe. A sua demanda não conhece limites

porque se baseia no não reconhecimento do que deve aos pais. Esta parábola ilustra adequadamente o destino do filho quando o seu justo direito à liberdade permanece corajosamente sem reconhecer qualquer forma de origem. A exigência imperativa – “dê-me!” – do filho não honra o pai, mas o acusa implicitamente de guardar egoisticamente todos os seus bens para si”.

O filho encontrado

O filho encontrado é aquele da parábola do pai misericordioso (cf. Lc 15,11-32). Ele também é um filho perdido, assim como seu irmão mais velho está perdido. *Ambos entendem mal a lei paterna, que em última análise ensina a ser tanto livres quanto gratos: um tenta afirmar-se através da [transgressão](#), o outro tenta obter aprovação através do [conformismo](#)*. Um perdendo os dons, o outro inibido em meio a tantos dons. Para ambos, a palavra do pai é decisiva, de uma forma diferente: “meu filho, o que é meu é seu”! Para o filho mais novo soa assim: “por que assumir uma herança que ninguém vai tirar de você? Por que querer tudo imediatamente, antecipadamente e fora de hora”? Por outro lado, para o mais velho soa assim: “olha, você é filho, não escravo! Você pode pegar o cabrito quando quiser”!

Agora, como é que o filho mais novo se torna o filho encontrado? Eis porquê: porque [o pai vai além da lei, que condenaria o filho, e, ao contrário, o redime, através da misericórdia](#). De fato – explica Recalcati – “embora a lei imponha o apedrejamento aos filhos que não honram o pai e a mãe, este pai não faz uso da lei que confirmaria a sua autoridade”. Fá-lo pela primeira vez privando-se imediatamente dos seus bens, não recordando ao filho, que a herança é para depois da sua morte. Quase como se lhe sugerisse: “você não precisa me matar para ser você mesmo, nem violar a lei para aproveitar a vida”. Ele faz isso pela segunda vez, negando-lhe o tratamento de escravo que seu filho esperava e cobrindo-o com sinais de que o tem como filho. Quase como se lhe dissesse: “não espere condenação, mas perdão. Não olhe o seu pecado, mas penso que você é meu filho”! Ele faz isso pela terceira vez comemorando seu retorno. Daí a lógica cristã, que muitos pais crentes e não crentes conheceram e sabem viver: depois de mil advertências aos filhos para não fazerem mal e não se prejudicarem, no final o vencedor é não se deixar vencer pelo mal mas vencer o mal com o bem, e isso os leva [a antecipar o perdão antes do arrependimento do filho](#), a fazer festa por tê-lo encontrado novamente,

Nazaré. Uma família toda de Deus

em vez de culpar-lhe por seus erros. Porque o o perdão não é o fruto de um mérito, mas um dom que supera qualquer demérito. Também aqui Recalcati o diz bem: “o perdão não é merecido pelo filho, não recompensa o arrependimento. Pelo contrário, é o que realmente torna isso possível. Torna possível o arrependimento não como um raciocínio cínico (“se o meu pai apoia os seus trabalhadores, pelo menos me manterá assim como a eles...”), mas como conversão, mudança, transformação autêntica”. Teologicamente é claro: *o arrependimento merece perdão, mas o perdão o suscita*.

O que é notável, do ponto de vista psicológico e educativo, é que *aqui o filho é encontrado, porque o pai tem a coragem de perdê-lo*. Recalcati observa que “a condição do filho como tal exige sempre o direito à revolta. A família não pode esgotar o horizonte do mundo. Assim como a vida humana precisa de acolhimento, de lar, de família, também, com a mesma intensidade, precisa ir para outro lugar, separar-se, cultivar o próprio segredo. *A pertença e a errância são dois pólos igualmente fundamentais do processo de humanização da vida*.” Resumindo: quando os pais não aceitam o “risco educativo”, tentarão proteger o filho com a força da lei (que hoje significa excesso de cuidados, de palavras, de instruções, de explicações, de proteções), desequilibrando a relação entre lei e desejo, que é essencial para o crescimento do filho. Agora, porém, a lei é apenas um pedagogo – diz São Paulo – mas o que conta é a graça: portanto, os filhos erram em não observar a lei, mas os pais igualmente erram em desempenhar o papel de intérpretes e guardiões da lei. A lei tem o amor como conteúdo, e o coração do amor é a misericórdia.

O filho sacrificado

É tão desafiador tornar-nos pais e mães segundo o coração de Deus, que a nossa fé se baseia naquilo que Deus fez no coração de Abraão, que de fato os cristãos reconhecem-no como o seu “pai na fé”. Diante do risco perene de “apropriar-se” de um filho, talvez como no caso recebido como dom milagroso de Deus, *Deus pede a Abraão que sacrifique Isaque, e desta forma educa Abraão a perder o filho, a saber deixá-lo ir, a dar-se a si mesmo*, porque reter um filho por demasiado amor significa impedi-lo de se tornar homem e de alcançar algo novo: “Abraão enfrenta uma prova que, na realidade, todos os pais terão. Deus é o outro simbólico da lei que pede a todo pai real que renuncie à propriedade do filho que gerou. Não é esta a manifestação mais elevada do amor de um pai e, em geral, de cada pai para com um filho?

Deixar o filho ir, sabendo perdê-lo, sacrificando todo direito de propriedade, abandonando, como acontece com Abraão, o próprio filho no deserto”.

Mais do que isso, é tão caro tornar-se pais e mães segundo o coração de Deus, que o próprio Deus Pai cria o relacionamento correto entre pais e filhos, colocando em jogo o Filho predileto. Solenes são as palavras de São João para expressar o extremo do amor de Deus por nós: “Com efeito, de tal modo Deus amou o mundo, que lhe deu seu Filho único, para que todo o que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna” (Jo 3,16).

Notável! *Enquanto o sacrifício de Isaac solicitado a Abraão é, em última análise, um “sacrifício dispensado” (Petrosino), o sacrifício do Filho é consumado até o fim*: “antes da festa da Páscoa, sabendo Jesus que chegara a sua hora de passar deste mundo ao Pai, como amasse os seus que estavam no mundo, até o extremo os amou” (Jo 13,1). A paternidade não paternalista de Deus e, aos pés da Cruz, *a maternidade não-maternalista de Maria, criam a obra-prima de um filho obediente e corajoso*, capaz de cumprir até o fim a sua missão e de se tornar o paradigma de uma vida bem sucedida, cuja regra fundamental é que é vital dar a vida, mortal é retê-la: “Aquele que tentar salvar a sua vida irá perdê-la. Aquele que a perder, por minha causa, irá reencontrá-la” (Mt 10,39).

Eis o que os filhos deveriam aprender com o decorrer do tempo para evitarem crescer fracos ou presunçosos: que a vida e o amor verdadeiro são alegria e sacrifício, disponibilidade para doar a própria vida mesmo apenas pelo fato de tê-la recebido, e alegria em fazer experiência – segundo a palavra do Senhor – de que “é maior felicidade dar que receber!” (At 20,35). E aqui está o que os pais deveriam evitar: se no passado muitos sacrifícios foram impostos prematuramente, o risco hoje é satisfazer e saturar todos os pedidos de diversão, buscando evitar, para os filhos, qualquer tipo de sacrifício. Quem tem alguma experiência de vida, sabe bem o que as Escrituras asseguram e repetem: “o homem que vive na opulência e não reflete é semelhante ao gado que se abate”. (Sl 48,3.21). E sabe igualmente bem que, se bem enfrentadas, as provações nos fazem crescer: “nos gloriamos até das tribulações. Pois sabemos que a tribulação produz a paciência, a paciência prova a fidelidade e a fidelidade, comprovada, produz a esperança” (Rm 5,3).

Roberto Carelli SDB



HUMILDE E A MAIS ALTA CRIATURA

A caminho com Maria, mestra de ecologia integral

11. MÃE DO MUNDO NOVO

No número 241 da encíclica *Laudato Si*, Francisco afirma que no corpo glorificado de Maria, graças à sua assunção ao Céu, uma parte da criação já atingiu a plenitude da sua beleza. À primeira vista poderia parecer que estas palavras dizem respeito apenas a Maria. Ser ressuscitada com o seu corpo, tal como o Cristo, seu filho, é certamente um privilégio de Maria. Os dons que Deus dá à sua Igreja, porém, são sempre para o benefício de todos! Que vantagem extraímos também nós, da glorificação de Maria? A vantagem para nós é que, ao olharmos para Maria na glória, vemos o nosso destino e somos fortalecidos na fé, na esperança e na caridade.

O livro do Apocalipse, no capítulo 12, apresenta uma visão, no centro da qual, encontra-se uma mulher misteriosa:

“1 Apareceu em seguida um grande sinal no céu: uma Mulher revestida do sol, a lua debaixo dos seus pés e na cabeça uma coroa de doze estrelas. 2 Estava grávida e gritava de dores, sentindo as angústias de dar à luz. 3 Depois apareceu outro sinal no céu: um grande Dragão vermelho, com sete cabeças e dez chifres, e nas cabeças sete coroas; 4 varria com sua cauda uma terça parte das estrelas do céu, e as atirou à terra. Esse Dragão deteve-se diante da Mulher que estava para dar à luz, a fim de que, quando ela desse à luz, lhe devorasse o filho. 5 Ela deu à luz um Filho, um menino, aquele que deve reger todas as nações pagãs com cetro de ferro. Mas seu Filho foi arrebatado para junto de Deus e do seu trono. 6 A Mulher fugiu então para o deserto, onde Deus lhe tinha preparado um retiro para aí ser sustentada por mil duzentos e sessenta dias”.

A tradição da Igreja viu nesta mulher alternativamente a pessoa concreta de Maria e a personificação do povo de Deus, de Israel e da Igreja. Através desta imagem de luta e vitória, a comunidade crente relê a profecia de Gênesis sobre a mulher e seus descendentes (Gn 3,15). Esta mulher misteriosa é, portanto, a Nova Eva, ou melhor, a Mulher por excelência: é a Mãe do mundo novo, do mundo redimido pelo Senhor. Nela contemplamos, como em Judite, em Ester, na Esposa do Cântico e em Maria, a vocação da Igreja: o chamado a ser colaboradores e colaboradoras de Deus para a salvação do mundo. O nascimento do Messias, de fato, atualiza-se continuamente, em

cada crente como em Maria, através da encarnação do Verbo e da ação do Espírito.

O nascimento messiânico descrito nesta página não é o de Belém, mas o da manhã de Páscoa. As dores do parto correspondem às do Calvário, onde toda a criação foi renovada no parto da Cruz. O Filho da mulher, portanto, não é apenas o Cristo. Naquele menino estão representados todos aqueles que, renascidos no Batismo, se tornaram filhos de Deus, filhos da Igreja e filhos de Maria (cf. Jo 3,3-8; Mt 18,3). A fuga da mulher para o deserto é uma espécie de novo êxodo. O deserto, de fato, é lugar de intimidade e de proteção divina: depois da Páscoa do Senhor, abriu-se o tempo da Igreja, tempo de perseguições, no qual, no entanto, jamais faltará o pão da vida, da Palavra e da Eucaristia (cf. Os. 2,16-25).

Podemos olhar para esta mulher misteriosa como a um exemplo de generatividade e tentar interpretar os símbolos que lhe pertencem a partir desta perspectiva. A mulher, antes de tudo, está vestida de sol: isto é, ela é capaz de ser plenamente ela mesma à luz de Deus, não tem nada a esconder (cf. Gn 2,25). Sob os seus pés, que é o lugar que as



Humilde e a mais alta criatura

Escrituras reservam aos inimigos derrotados, está a lua, símbolo daquilo que é instável na criação, porque é cíclica: mantê-la sob os pés significa conhecer e dominar a sua própria fecundidade.

A mulher é coroada de estrelas: o número 12 representa as tribos de Israel e também os apóstolos. Este símbolo indica, portanto, a dupla pertença da mulher à antiga e à nova aliança com Deus. Na história da criação, porém, as estrelas representam a passagem do tempo (cf. Gn 1,16). A coroa de estrelas, portanto, também poderia indicar o fato da mulher não temer a passagem do tempo, mas estar em paz com ele.

Finalmente, a mulher não teme o cansaço, a dor, que inevitavelmente pertence ao gerar. A sua coragem fala de sua paixão pela vida. O menino que nasceu, porém, é imediatamente tirado dela, porque não lhe pertence. O texto fala então de numerosos descendentes, como se quisesse dizer que a liberdade para com as pessoas ou obras às quais demos vida é uma dimensão fundamental da generatividade (Ap 12,17).

O autor do Apocalipse, alguns versículos depois, revela a identidade do dragão: é a antiga serpente, o tentador que, na história de Gênesis, enganou a mulher, forçando-a a tentar apoderar-se pela força daquilo que só se pode receber como dom: ser igual a Deus, ou seja, ser seus filhos (Gn 3,5). Segundo o livro do Gênesis, uma das consequências daquele gesto, que exprime uma radical falta de confiança no Criador, é a tendência a tomar posse do próximo como se fosse coisa sua: o marido faz isso com a esposa, a mãe faz isso com os filhos, gerando uma cadeia de sofrimento muito difícil de quebrar (cf. Gn 3,16; 4,1). A visão do Apocalipse, portanto, é um texto de luta, manchado com o sangue da história, mas é também uma obra de contemplação envolta num halo de luz de onde emerge o final feliz: o dragão não pode ter a última palavra. No final, toda lágrima secará e a morte será derrotada para sempre (21,14).

A imagem da mulher nas dores do parto é provavelmente o fruto da oração de uma comunidade perseguida, que em conjunto relê as Escrituras e as interpreta sob a guia do Espírito, à luz da Ressurreição do Senhor. O autor do texto define-o, portanto, como uma “profecia” (1,3; 22,7.19), que na linguagem bíblica é, antes de tudo, uma interpretação dos sinais

dos tempos e um apelo à fidelidade ao momento presente. A intenção do texto, portanto, é a de nos ajudar a viver com esperança, a ser otimistas sem ignorar o sofrimento, na certeza de que o maligno já não tem poder sobre nós e de que o universo está nas mãos de Deus Pai, que cuida incansavelmente das suas criaturas.

Deus prometeu redimir toda a criação da ameaça da destruição e da morte. A glorificação de Maria é apenas o começo da glorificação da criação inteira. Somos destinados a partilhar a glória de Maria e de Jesus, juntamente com toda a criação. Tudo o que Deus criou, Deus guardará e redimirá porque tudo o que ele criou é precioso aos seus olhos e digno de estima. Agora, porém, a criação é confiada por Deus às nossas mãos: o que estamos fazendo com ela? Como tomamos conta de tanta beleza?

No final do caminho deste ano, em que contemplamos juntos a relação entre Maria e o compromisso dos crentes pela ecologia integral, perguntemo-nos mais uma vez: **o que inspira as nossas ações cotidianas? O que nos sustenta e nos encoraja a empreender e a perseverar na conversão ecológica, mesmo quando isso exige trabalho? Dom Bosco dizia que, nos momentos difíceis, “um pedaço de paraíso resolve tudo”: a presença gloriosa de Maria na nossa vida e na vida da Igreja pode ser este pedaço de Paraíso, esta lembrança da fidelidade de Deus que sempre cumpre as suas promessas.**

Linda Pocher FMA

PELA GRAÇA RECEBIDA

“FAZEI TUDO O QUE ELE VOS DISSER”

Seguir Cristo na alegria e na dor levados pela mão por Maria Auxiliadora.

Somos André e Elena.

Tivemos oportunidade de recordar nestes dias, o quanto Nossa Senhora nos acompanhou passo a passo em cada momento da nossa vida e de quantos presentes nos deu.

FÉ

Elena: o dom da fé. Nós o recebemos pessoalmente desde crianças, por diversos caminhos, através da família salesiana nas escolas, no oratório e nas experiências juvenis e, portanto, como nos ensinou Dom Bosco, vivemos, e continuamos a viver, a figura de Maria como uma presença simples e constante na nossa vida cotidiana.

ENCONTRO e MATRIMÔNIO

André: um outro presente que recebemos foi o nosso encontro e depois o matrimônio. Conhecemo-nos em uma peregrinação mariana e a primeira vez que vi Elena foi numa igreja dedicada a Maria.

Durante o noivado, além da alegria de estarmos juntos, também surgiram algumas feridas que carregávamos no coração. Para mim, o medo de perder os afetos, porque os meus pais se separaram quando eu tinha 11 anos e, portanto, o risco de viver tudo como um “carpe diem”, o risco de ganhar tudo e, de repente, perder tudo; enquanto para Elena, um medo de casar e entregar-se completamente neste sacramento. Você entende bem que são dois medos que se chocaram, que com as nossas próprias forças teria sido impossível casar. Por isso tivemos que nos entregar imediatamente a Maria que nos lembrou que nada é impossível para Deus e assim, dia após dia, uma Ave Maria após outra, o Senhor curou os nossos corações e nos conduziu ao matrimônio. Nos casamos justamente em Valdocco, há 7 anos, e o presente dentro do presente foi ver Maria Auxiliadora e Dom Bosco abrirem para nós as portas de sua casa, a nossa festa foi planejada justamente em sua casa. Foi realmente emocionante.

O Espírito Santo sugeriu-nos como Evangelho para aquele dia “As Bodas de Caná” onde vimos



resumida a nossa história: uma presença certa de Maria que nos disse “**fazei o que Ele vos disser**”, fazei o que o Senhor vos disser e nós, em nossa pequenez, com o empenho diário como queria Dom Bosco, procuramos encher as talhas com a certeza de que o Senhor faria o milagre de transformar a água em vinho.

Desse amor nasceram Anna, de 4 anos, e Beatrice, de 2 anos.

ADMA

Elena: um dos maiores presentes que recebemos de Maria foi o presente da ADMA, da Associação de Maria Auxiliadora.

Começamos a seguir esse caminho logo após o casamento, por conselho do padre que celebrou nosso casamento e de alguns amigos.

Desde o início sentimo-nos como se estivéssemos em casa, nos encontrássemos em família. Encontramos companheiros de caminhada com os quais pudemos compartilhar as alegrias e nos apoiar no dia a dia. Descobrimos também que a espiritualidade salesiana é feita de alegria e de compromisso que já conhecíamos quando crianças e que sentimos que nos pertence completamente.

Há dois anos também sentimos o chamado e a necessidade de fazer parte desta família e assim começamos a frequentar o curso de aspirantes que nos levou a assumir o compromisso de ingressar na associação no passado mês de Outubro.

DOENÇA

André: nesse mesmo período, enquanto amadurecíamos a decisão de entrar na Adma,

Pela graça recebida

descobrimos que Elena tinha um tumor maligno na mama. Nada acontece por acaso. Foi uma oportunidade para desenvolver maior confiança em Maria e entregar a nossa vida completamente nas suas mãos. Foi fácil receber a echarpe azul e o cartão de membro da ADMA, mas parecia mais difícil viver no abandono à vontade de Deus. Nestes dias, porém, jamais nos faltou a alegria, fruto não da nossa habilidade, mas das Graças que Maria abundantemente concedeu à nossa família.

O medo de ficar viúvo com duas meninas para criar ou de ser a última vez que Elena pudesse colocar as meninas para dormir à noite, tocou nossos corações, mas nunca os dominou. Precisamente no dia da promessa, depois das belas fotos rituais, com a indescritível alegria no coração de pertencer totalmente a Cristo através de Maria Auxiliadora e de Dom Bosco, quando voltamos para casa à noite, todos os cabelos de Elena caíram, sinal de que devíamos despir-nos do homem velho e da mulher velha, como nos recorda São Paulo, porque o Senhor estava nos preparando para uma vida nova. Depois de seis meses de tratamentos invasivos, nesta Quinta-feira Santa, Elena foi operada e fizemos o primeiro agradecimento bem na Basílica, no Sábado Santo, todos os quatro juntos, participando da Vigília Pascal.

Depois de cerca de uma semana, eles nos ligam do hospital e o oncologista nos diz que Elena está completamente curada. Ainda haverá anos de cuidados preventivos, mas a cura foi completa.

Novamente na Basílica, aos pés de Maria Auxiliadora, agradecemos emocionados. Lembremos que naquela mesma noite, em nossa casa, em frente à “Capelinha”, ou seja, a pequena imagem peregrina de Maria Auxiliadora que circula por todas as casas, nos ajoelhamos com nossas filhas e lhe contamos a boa notícia com adição de sushi e crodino para completar a festa. A alegria delas foi um presente que sempre levaremos conosco.

A oração por nós, de toda a Família Salesiana, da Adma em particular, e da Igreja em geral comoveu-nos e nos preencheram o coração de gratidão. Chegaram-nos mensagens da África, da Espanha, da América, um mundo em comunhão conosco. Os amigos da Adma nos deram carinho, oração e uma proximidade constante. Nem mesmo entre parentes, às vezes, é possível vivenciar um cuidado tão profundo vindo de um sorriso ou de uma simples mensagem de WhatsApp com as mãos dadas.

Nossos sinceros agradecimentos a todos!

André e Elena: somos testemunhas de que na Basílica não existe apenas a imagem de Maria, mas a Sua presença viva.

Dá arrepios pensar que uma infinidade de graças partem desta Basílica e que nesta trilha também nós podemos contar as nossas, porque fazemos parte desta história maravilhosa. Estamos gratos e certos de estarmos juntos com vocês no coração de Jesus, de Maria Auxiliadora e de Dom Bosco.

CRÔNICA DE FAMÍLIA

Ruanda – As promessas da ADMA e dos Salesianos Cooperadores

No domingo, 28 de abril, 33 membros da Associação de Maria Auxiliadora (ADMA) e 11 Salesianos Cooperadores renovaram suas promessas, enquanto quatro membros da ADMA e seis Salesianos Cooperadores fizeram a primeira promessa. As cerimônias ocorreram na sede do Pós-noviciado “Miguel Rua” em Kabgayi, da Visitadoria “Carlos Lwanga”, da África Grandes Lagos (AGL). O Pe. Pierre Célestin Ngoboka, Superior da Visitadoria AGL, presidiu a Eucaristia, recordando que estes novos membros da Família Salesiana “vieram para nos ajudar a colocar em prática o que Dom Bosco nos pediu para fazer”



Peru – Encontro dos membros da ADMA: formação, oração e convivência

No sábado, 20 de abril, na Casa Inspetorial da Inspetoria “Santa Rosa de Lima”, do Peru (PER), ocorreu o **encontro dos membros da Associação de Maria Auxiliadora (ADMA), por ocasião da visita do seu Animador Espiritual Mundial, Pe. Gabriel Cruz**. O evento contou com a participação de 82 membros dos Centros de Lima e dos Centros de Magdalena del Mar, Breña, Callao, Rimac e Barrios Altos, além de alguns representantes da Comunidade de Chosica, que fica a duas horas da Capital. Além disso, diversos membros dos centros de Piura e Huancayo se conectaram on-line durante o período de formação. Durante o encontro, houve um momento de formação, oração e convivência. O encontro foi organizado e coordenado pelos animadores espirituais da ADMA Peru – Irmã



Raquel Ibañez FMA e Pe. Jozef Kamza SDB, que também é Vigário Inspetorial da PER. Cabe destacar que a ADMA no Peru conta com cerca de 20 centros (entre FMA e SDB), que acolhem cerca de 700 pessoas empenhadas na missão: difundir o amor ao Santíssimo Sacramento e a Maria Auxiliadora.

Eslovênia – Encontro anual para os membros da ADMA

Os membros da Associação de Maria Auxiliadora (ADMA), dos Centros locais da Inspetoria salesiana da Eslovênia (SLO), reuniram-se em Marijanišče, em Veržej, de 19 a 21 de abril, para o encontro anual e a renovação espiritual. O Assistente inspetorial da ADMA, Pe. Janez Žerovnik SDB, convidou para a ocasião, o Pe. Miran Sajovic SDB que falou aos participantes sobre alguns personagens da Família Salesiana no caminho da santidade, do ponto de vista da devoção mariana, como a Beata Irmã Eusébia Palomino FMA e o Servo de Deus Pe. Andrej Majcen SDB.



Nova coluna: A Adma Primária responde

A pedido de um de nossos leitores nasce esta nova coluna **“A Adma Primária responde”**, para oferecer informações aprofundadas sobre questões de interesse geral. Qualquer pessoa que queira sugerir um tema ou perguntas pode entrar em contato conosco pelo seguinte endereço de e-mail adma@admadonbosco.org

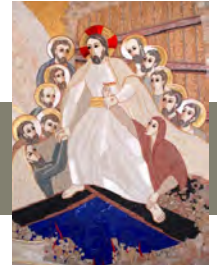


**Adma Primária
risponde**



Missa em sufrágio pelos membros falecidos da ADMA

Cada dia 24 do mês é celebrada uma missa em sufrágio pelos membros falecidos da ADMA do mundo todo, às 9 horas na Basílica de Maria Auxiliadora de Turim.



INTENÇÕES DE ORAÇÃO MENSAL

Desejamos unir as orações de todos os grupos da Adma do mundo pela intenção do Papa Francisco.

Julho: pela pastoral dos doentes.

Rezemos para que o sacramento da unção dos enfermos dê às pessoas que o recebem e a seus entes queridos, a força do Senhor, e se torne para todos, cada vez mais, um sinal visível de compaixão e esperança.

Agosto: pelos líderes políticos.

Rezemos para que os líderes políticos estejam ao serviço do seu povo, trabalhando pelo desenvolvimento humano integral e pelo bem comum, cuidando daqueles que perderam o emprego e dando prioridade aos mais pobres.



ENVIE UM ARTIGO E FOTO: Um artigo e uma foto de um encontro de formação; da comemoração do dia 24 do mês, celebração mensal de Nossa Senhora Auxiliadora; de uma atividade de voluntariado que desenvolvem. O artigo (formato .doc, máximo de 1200 caracteres sem contar os espaços) e um máximo de 2 fotografias (formato digital .JPG e de tamanho não inferior a 1000px de largura), fornecidos com um título e/ou uma breve descrição, devem ser enviados para adma@admadonbosco.org. É indispensável indicar no assunto do e-mail “Crônica de Família” e, no texto, os dados do autor (nome, sobrenome, local da foto, ADMA de pertença, cidade, país).

Ao enviar, a ADMA fica automaticamente autorizada a elaborar, publicar, também parcialmente, e, divulgar de qualquer forma, o artigo e as fotografias. As imagens poderão ser publicadas, a critério da redação, no site www.admadonbosco.org, e/ou em outros sites da ADMA acompanhadas de uma legenda.